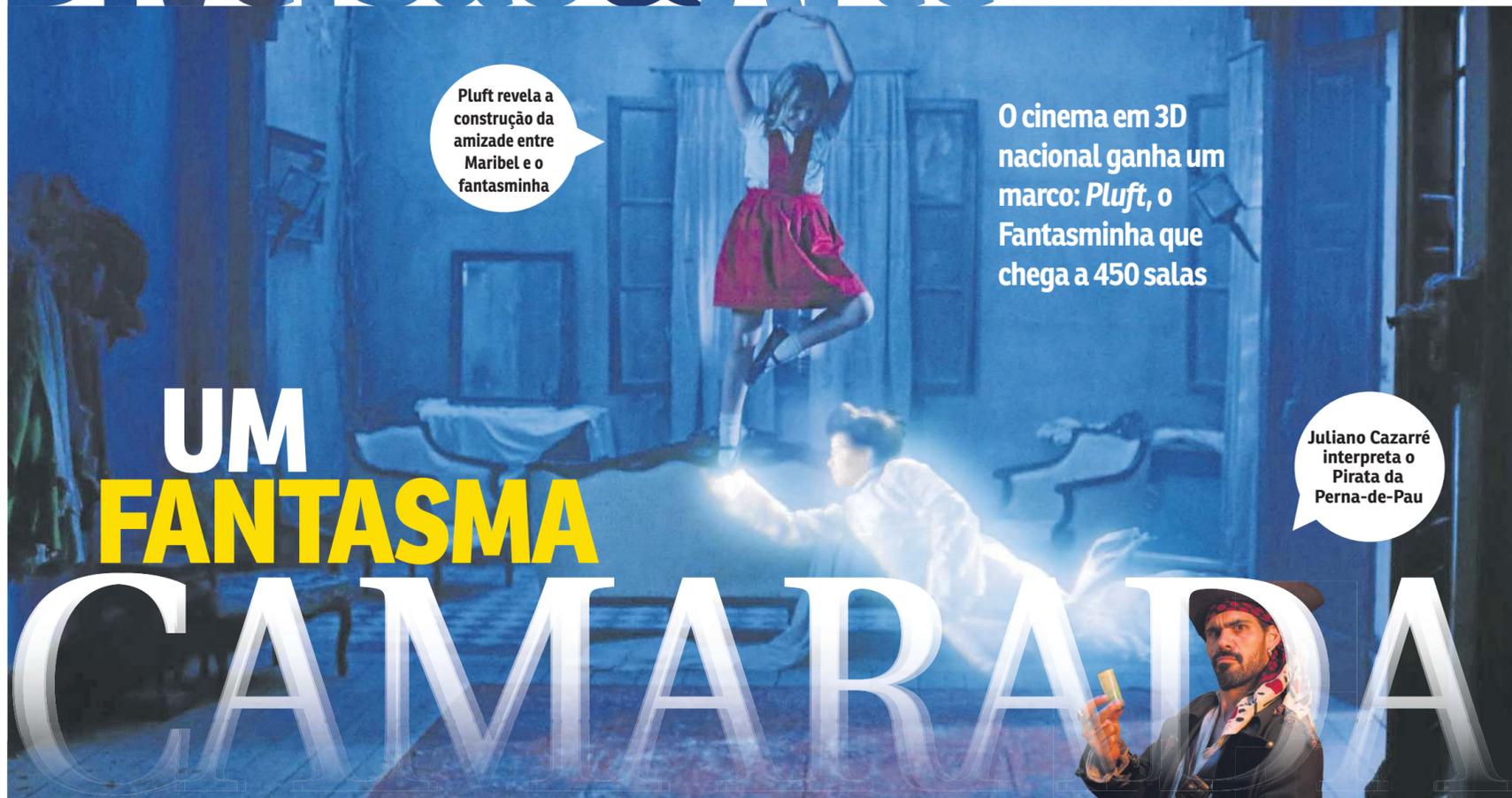


Diversão & Arte



Pluft revela a construção da amizade entre Maribel e o fantasminha

O cinema em 3D nacional ganha um marco: *Pluft, o Fantasminha* que chega a 450 salas

Juliano Cazarré interpreta o Pirata da Perna-de-Pau

UM FANTASMA

CAMARADA

» RICARDO DAEHN

Uma responsabilidade forte cerca a produção para cinema de *Pluft, o Fantasminha*, que, depois de seis anos, alcança o público, distribuído em 450 salas e orçado em R\$ 12,5 milhões. Saído de peça assinada por Maria Clara Machado, morta há 21 anos, e que foi fundadora de uma instituição com mais de 70 anos — o Teatro Tablado —, o filme, protagonizado por um fantasma tímido, dá continuidade a um tipo de dramaturgia única para as crianças, nunca as fazendo de “bobinhas”, como bem observou a crítica teatral Barbara Heliodora.

Visualmente estimulante no formato 3D, *Pluft* trouxe os maiores desafios para a diretora Rosane Svartman e para a produtora Clélia Bessa. “Responder como traduzir a mágica do teatro para o cinema” foi a chave da adaptação. Precisávamos, no fundo, contar uma boa história, e que deixasse as crianças torcendo. Fazer um fantasma sem uma computação gráfica pesada levou ao encontro do universo de Georges Méliès, cineasta e mágico. Usamos truques de fio de nylon, motion capture (para movimentos animados em 3D) e maquetes nas filmagens. Pelo número de colaboradores dedicados, temos lista de créditos (no filme) que dura 12 minutos”, observa Svartman.

Associada não apenas aos direitos autorais de Maria Clara, e herdeira intelectual da escritora, a roteirista Cacá Mourthé, que, no passado, montou e dirigiu peças com a mestra, levou mais de dois anos desenvolvendo o roteiro, ao lado de José Lavigne, que atua, ainda, em

frente à câmera, na pele de Tio Gerúndio. “Maria Clara é uma contadora de histórias de mão cheia. É um texto sensacional: ela é nossa grande dramaturga de teatro infantil. *Pluft* é um patrimônio por sintetizar muito do imaginário da Maria Clara e ter um séquito de admiradores”, comenta Svartman. A diretora ressalta que a poesia de Maria Clara foi elemento norteador. “Muito perdura, e faz sentido até hoje. O filme é sobre o medo: o fato de o Pluft (um fantasma) tem medo do que é diferente — mas, ao mesmo tempo, trata de afeto: a Maribel (uma menina sequestrada pelo pirata Perna-de-Pau) faz Pluft ter coragem para enfrentar o medo, e estender a mão para ela. O filme fala de empatia e de se olhar para o medo. É sobre amadurecer e as escolhas feitas”, detecta.

Na pele do pirata, o ator brasileiro Juliano Cazarré enfatiza aspectos atemporais de renovação do real tesouro resguardado pelo imaginário infantil. “O pirata é feio, bravo e malvado. E a Maribel e o Pluft são bonitos, fofos, bonzinhos e corajosos. É um conto de fada, em que o bem é bem e o mal é mal. Isso é muito importante na formação da criança”, avalia Cazarré, atualmente, visto na novela Pantanal.

Intérprete do personagem Sebastião, um aguerrido marinheiro, Arthur Aguiar reitera o papel de resgate da inocência da criança, a cargo do filme. “Há muita informação, e as crianças estão muito avançadas. Acho que há pulos de etapas. O Pluft traz a essência mais lúdica: o lado mais legal de ser criança”, pontua. Ele crê que os pais vão se identificar com o tempo em que



Os atores Lucas Salles, Arthur Aguiar e Hugo Germano

eram crianças e tinham contato com obras que priorizavam a inocência, num modo leve e divertido.

Ao lado de Arthur, abastecido por experiências teatrais, Hugo Germano defendeu o personagem Julião, outro integrante “no jogo, que funciona”, tendo um terceiro vértice: no papel de João, Lucas Salles, cria da ala humorada do Tablado em que se inscreveu aos 12 anos. “Creio que os três sejam apenas um só personagem. Nós nos inspiramos em *Os Três Patetas*. O espectador infantil nota a verdade em cena, até mesmo no estilo pastelão. No estilo do clown, há o tipo branco, um valentão que pensa estar sempre certo, e o agosto, que não sabe nada, só quer ir embora, sem se arriscar”, demarca Lucas atento para a riqueza da autora de clássicos como *O Dragão Verde*. “Precisamos ter o MCU dela, o Maria Clara Machado Marvel Universe”, brinca Lucas Salles.

Livre e leve

Cenas subaquáticas trouxeram a fluidez visual necessária para dar o tom de leveza presente nos personagens fantasmagóricos, para a produção bem imersiva do 3D. Com tecnologia 100% nacional, houve o cuidado de não se perder o tom artesanal que sustenta atrações teatrais; tudo alinhavado pelo coordenador de pós-produção Juca Diaz e pela supervisão de efeitos visuais de Sandro Di Segni. Tendo por eixo a prerrogativa inventiva do cinema brasileiro e muita organização, Pluft mobilizou, em cenas imersivas (numa piscina), por duas semanas, o autocontrole do corpo e das emoções dos atores. Chamado de “peixinho”, o ator Nicolas Cruz (no papel-título) tinha 10 anos, quando das filmagens, conta das diversões. “Por um ou dois meses, tivemos belo trabalho com o Corpo de Bombeiros, em Franco da Rocha (SP). Quando criança, não vi muita coisa da Maria Clara; mas surgiu o entusiasmo, e fiquei querendo conhecer. Nas preparações, conheci o trabalho desenvolvido no Tablado (que formou de Louise Cardoso a Marcelo Serrado, passando por Andréa Beltrão) e muitas histórias e documentos da peça de 1955”, explica.

Nicolas demarca que Pluft se sacrificou um pouco para salvar a melhor amiga (Maribel). “Ele ensina que, às vezes, temos que enfrentar os nossos medos, para guardar as pessoas que amamos”, diz. Respeito a diferenças e ideal de renovação na formação de plateia para

cinema impulsionam Pluft, que conta com trilha sonora de Tim Rescala. Encantada por Pluft, depois de um espetáculo visto no Teatro Municipal carioca, aos sete anos, a atriz Lola Belle, no cinema, interpreta Maribel, neta de um capitão do mar. “Foi meu primeiro trabalho, lembro como estava tímida e com medo, numa leitura de mesa feita no Tablado, e cheguei a acreditar que as ações estivessem realmente acontecendo. Isso ajudou a interpretar com maior verdade”, demarca. Lola Belle percebe Maribel como uma heroína, apesar de algumas inseguranças. “Talvez a frase da Maribel que mais a representa seja a dita para o Pluft: ‘Você não sabe do que nós, meninas, somos capazes’. Nessa abordagem contemporânea, ela é uma menina forte, empoderada. Ela inspira, para que o medo seja vencido com coragem e afeto”, comenta.

Com mais de 10 anos de intimidade com teatro infantil, Fabíula Nascimento, à frente de *Dona Fantasma* (a mãe de Pluft), contou com apoio de mergulhadores, nas filmagens que criaram o efeito da levitação, numa piscina com mínimo de cloro, a sete metros da superfície e com dez quilos a mais presos às vestimentas e ao corpo. “Foi um trabalho de atleta e técnico master”, diverte-se Fabíula, ao falar da vontade de realizar algo inédito e lindo, com paz de espírito. Trazendo como modelos fitas como *O Menino Maluquinho* e atrações de *Os Trapalhões* e *Turma da Mônica*, Fabíula completa: “A partir do momento em que algo entra no seu imaginário, você nunca mais esquece — cresce com aquelas referências. A arte traz muito isso para a gente e é daí que nasce a vontade de ser feliz”.

PASSANDO A LIMPO

» PEDRO IBARRA

Há 30 anos, um assassinato chocou o Brasil. A jovem e promissora atriz Daniella Perez foi encontrada morta em um matagal no bairro do Recreio dos Bandeirantes no Rio de Janeiro. No ápice da carreira até então, a artista vivia o sucesso da personagem Yasmin de *De corpo e alma* quando foi brutalmente assassinada por Guilherme de Pádua, ator que vivia Bira, o par romântico dela na novela. Esse triste caso será revisitado a partir desta quinta na HBO Max com a série documental *Pacto Brutal: O assassinato de Daniella Perez*.

Em cinco episódios, a série promete elucidar as partes obscuras do crime praticado no final de 1992. “A situação ficou em um lugar muito perigoso entre o que era fantasia e o que era realidade, afinal, as pessoas que liam sobre poderiam achar o que elas quisessem”, afirma o codiretor Guto Barra. “Nós queríamos passar a limpo essa história, contá-la de maneira correta e resgatar a memória da Dani”, acrescenta.

A série tem depoimentos de pessoas ligadas ao caso como delegados, policiais e testemunhas, além de forte presença da mãe de Daniela, a autora de novelas Glória Perez. “É muito importante que essa série tenha sido feita para

que a verdade fosse perpetuada. A gente tem 30 anos com a mentira nos holofotes, em mil versões fantasiosas diferentes”, aponta Tatiana Issa, também codiretora do projeto. “As pessoas sabem muito por alto e o que ficam são as inverdades. A gente está fazendo isso para que as pessoas saibam quem é a Daniella”, completa.

Além das figuras chave também foram entrevistados nomes que fizeram parte de todo o desenrolar do processo. Família, amigos próximos, o viúvo da atriz Raul Gazolla, Claudia Raia, Fábio Assumpção, Maurício Mattar, Cristiana Oliveira e Eri Johnson participam do documentário. “Pessoas que nunca haviam falado sobre



Cenas da série *Pacto Brutal: O assassinato de Daniella Perez*.

isso desde o momento que viveram em 1992. Pessoas que guardavam essa dor há 30 anos no peito”, conta Tatiana Issa.

Pacto Brutal apresenta uma balança entre o horror da morte e a delicadeza de

quem foi essa artista que teve a vida ceifada cedo demais. “A gente precisava separar e saber o quanto são fatos e quanto são sentimentos. Esse balanço é muito importante na série”, conclui Issa.

Celebração de Clodo

» IRLAM ROCHA LIMA

O show em homenagem a Clodo Ferreira, protagonizado pela cantora Sandra Duailibe, ocorrerá no dia 2 de agosto, na Casa Thomas Jefferson Hall, e não hoje, como foi noticiado na edição de ontem do Correio Braziliense. O espetáculo A celebração os 70 anos de vida e 50 de carreira artística do cantor e compositor

piaiense, radicado em Brasília desde a década de 1960.

Autor do clássico *Revelação* — em parceria com Clésio Ferreira —, lançado por Raimundo Fagner e regravado por Simone, Wando, Engenheiros do Hawaii e Razão Brasileira, iniciou a trajetória artística em 1972, ao vencer a segunda edição do Festival de Música do Ceub com

Placa luminosa. A canção que compôs com Zeca Bahia foi defendida pelo grupo Matuskelas.

Na década de 1980, Clodo formou um coletivo musical com os irmãos Climério e Clésio. Juntos lançaram três LPs: *Chapada do Corisco*, *Ferreira e Profissão do sonho* e tiveram composições gravadas por vários cantores. Algumas delas

fazem parte do repertório que Sandra Duailibe vai interpretar no show Clodo — A Revelação, tendo a companhia de João e Pedro Ferreira, filhos do homenageado. A cantora maranhense conta que começou a ouvir músicas de Clodo na adolescência e que veio a conhecê-lo pessoalmente em 2000, quando veio morar na capital.